

## **Análise pessoal na formação do psicanalista em: Freud, Ferenczi e Lacan**

### **Personal analysis in psychanalyst training in: Freud, Ferenczi e Lacan**

DOI:10.34119/bjhrv4n2-434

Recebimento dos originais: 04/03/2021

Aceitação para publicação: 26/04/2021

#### **Rosane de Albuquerque Costa**

Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá, Docente da Universidade Estácio de Sá (UNESA), Editora da Revista Psicologia e Conexões

Instituição de atuação atual: Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Endereço: Rua Coronel Tamarindo 8, 201 bloco 4 Niterói RJ

E-mail. rosane.albuquerque1960@gmail.com

#### **Tadeu Oliveira de Aguiar**

Psicanalista, Instituto Gaio SPSIG, graduando de psicologia Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Instituição de atuação atual: Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Endereço completo: Rua Eduardo Luz, Gomes, 134 - Niterói RJ, 24020340

E-mail. psimenteemfoco@gmail.com

#### **RESUMO**

O presente artigo de cunho teórico/bibliográfico, tem o propósito de analisar como se dá a formação do psicanalista, a partir, de uma revisão da literatura psicanalítica, mais precisamente, verificar a importância da análise pessoal na formação do psicanalista. O intuito do trabalho, é de analisar as principais recomendações de Freud, Ferenczi e Lacan sobre a análise pessoal do analista em formação. A metodologia utilizada é a revisão dos principais textos das obras de Freud, Ferenczi, Lacan e artigos científicos sobre o tema. O estudo apontou que, a formação do analista desde Freud, é baseada no estudo teórico, análise pessoal, supervisão e que, a importância da análise pessoal, não só para a formação, mas também para a compreensão da literatura psicanalítica. Podemos verificar que, em Ferenczi, a análise se instala, no campo da necessidade do, psicanalista experimentar a análise para depois se utilizar dela com os outros. Sendo que, só em Lacan, de fato a análise pessoal do analista perpassa um pré-requisito da formação, para uma condição experiencial, para então, no fim de sua análise, surgir um analista de si mesmo e que se coloque na posição e analista de um outro.

**Palavras-chave:** Formação do psicanalista, Análise pessoal, Freud, Ferenczi, Lacan.

#### **ABSTRACT**

The present article of a theoretical / bibliographic nature, has the purpose of analyzing how the formation of the psychoanalyst takes place, starting from a review of the

psychoanalytic literature, but precisely, to verify the importance of personal analysis in the formation of the psychoanalyst. The aim of the work is to analyze the main recommendations of Freud, Ferenczi and Lacan on the personal analysis of the analyst in training. The methodology used is the review of the main texts of the works of Freud, Ferenczi, Lacan and scientific articles on the subject. The study pointed out that the training of the analyst since Freud is based on theoretical study, personal analysis, supervision and that the importance of personal analysis, not only for training, but also for the understanding of psychoanalytic literature. We can see that, in Ferenczi, the analysis is installed, in the field of the psychoanalyst's need, to experiment with the analysis and then use it with others. Since, only in Lacan, in fact, the analyst's personal analysis goes through a pre-requisite of training, for an experiential condition, so that, at the end of his analysis, an analyst will appear and put himself in the position and analyst of another.

**Keywords:** Formation of the psychoanalyst, Personal analysis, Freud, Ferenczi, Lacan.

## 1 INTRODUÇÃO

A formação do analista é, um dos temas que sempre gera discussões. Gerando questões como: quem pode ser psicanalista? O que é preciso para atuar com a psicanálise? Essas perguntas estão sempre colocadas e durante anos são discutidas. Nas obras psicanalíticas o tema da formação do analista em Freud, inúmeras vezes são alvos de controvérsias. O próprio Freud, ao longo dos anos foi atualizando algumas questões sobre a formação do analista.

Esse artigo, tem como objetivo, estudar a formação do analista, mais precisamente, verificar a importância da análise do psicanalista em formação, tendo a hipótese que, a análise pessoal é, o principal meio para que aconteça um processo de um percurso formativo. A partir dos textos de Sigmund Freud dos anos de: 1912, 1918-1919, 1926 e 1937, dos textos de Sandor Ferenczi, 1919 e 1927 do texto de Jacques Lacan de 1967, verificaremos as principais recomendações. Para termos de forma exploratória a relevância da análise pessoal nos seus principais textos. De forma exploratória dos escritos de Freud, analisaremos o lugar da psicanálise e a formação do analista nas universidades, verificaremos o estudo teórico e a importância da análise como um pré-requisito de formação. Utilizando as recomendações de Freud, os médicos interessados na prática da psicanálise, fazendo um diálogo, para os psicólogos em formação interessados pela prática da psicanálise, hoje.

Buscaremos analisar as recomendações de Sandor Ferenczi, no que, desrespeita análise do psicanalista. Ferenczi não só coloca a análise pessoal como um requisito fundamental, mas indo além, ao descrever sobre a análise pessoal, como uma experiência

de tratamento do próprio psicanalista. Verificaremos como os postulados de Ferenczi, e o questionamento, da análise pessoal do analista em Balint, influenciou o tema da formação do psicanalista na obra de Jaques Lacan.

Jaques Lacan, foi um dos psicanalistas que, mais trabalhou a questão da formação e da experiência de análise do analista, colocando como a ética como fator importante da formação, no campo de uma experiência do próprio inconsciente do psicanalista em formação.

Na primeira parte, apresentaremos, o Dr. Sigmund Freud, e a construção da psicanálise, iremos abordar, as recomendações sobre o ensino da psicanálise nas universidades, fazendo, então, uma análise do lugar da psicanálise na formação universitária. Explorando então, as observações de Freud, sobre a formação do psicanalista e sua relação com a universidade.

Na segunda parte, verificaremos as recomendações de Freud, em relação a análise do psicanalista em formação. Estudando as principais recomendações de Freud, no tocante em que ele coloca de forma bem explícita que, a análise do psicanalista é um pré-requisito da formação do analista.

Na terceira parte, revisaremos as orientações de Freud, em relação do conhecimento teórico do analista em formação e, a necessidade do estudante está em análise para compreensão da teoria.

Na quarta parte, iremos apresentar o Dr. Sandor Ferenczi suas principais recomendações, para o tema da análise do psicanalista.

Na quinta parte, apresentaremos de forma resumida, psicanalista Jaques Lacan e sua contribuição para o tema da análise e principalmente a experiência da formação do psicanalista.

Por fim, as considerações finais, que, temos o intuito de forma exploratória, discorrer as principais informações e conclusões da temática estudada.

### **Freud e o ensino da psicanálise**

Sigmund Freud (1856 – 1939), foi um médico vienense que criou a psicanálise como um método de investigação do inconsciente. Freud desenvolveu a psicanálise, através da investigação e tratamento das doenças nervosas, que na época não tinham uma explicação da medicina para o fenômeno da histeria. “A psicanálise, o método terapêutico desenvolvido por Freud, procura favorecer nos pacientes a compreensão sobre seus

conflitos emocionais inconscientes, fazendo-lhes perguntas destinadas a evocar lembranças há muito esquecidas” (PAPÁLIA,2013, pág. 59).

Segundo Skowronsky, Freud morreu em setembro de 1939 em Londres, onde viveu o último ano de sua vida. Mas foi em Viena que Freud, desenvolveu uma extensa obra, criando conceitos e os pilares da psicanálise. Um dos pilares no qual iremos nos debruçar, será o pilar da formação do psicanalista, mas, precisamente a análise do analista como parte de um pilar de um tripé de formação.

O ensino da psicanálise em Freud, se dá, no campo de uma experiência e transmissão e não em si, no campo da aprendizagem, pois desde Freud, como veremos, a teoria psicanalítica, não se sustenta no campo de aprendizagem e sim de uma, apreensão ou seja, incorporar aquilo, que se é transmitido de forma experiencial; No texto sobre o ensino da psicanálise nas universidades, Freud (1918-1919) destaca que, os psicanalistas ficariam sem dúvidas satisfeitos, pela psicanálise sendo ensinada nas universidades. Porém, continua Freud: *“Ao mesmo tempo, é claro que o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo”* (FREUD, 1918-1919). Segundo o dicionário Ruth Rocha (1996), prescindir, vem de abstrair ou dispensar, ou seja, a formação acadêmica é, dispensável na formação do analista. Não é o intuito, desqualificar a formação acadêmica, de forma alguma, mas sim trazer a discussão que, a formação do analista, segundo Freud, se dá, através do estudo da teoria psicanalítica, junto das sociedades e institutos que se responsabilizam pelo o percurso da formação do psicanalista. Destacando então, a importância de um percurso de formação do analista que, se dá, além da universidade. De acordo com Freud, o psicanalista, não depende em si, de um ensino universitário para se tornar um psicanalista, pois, o que é, necessário para formação do analista, pode ser encontrado nas sociedades de formações em psicanálise. Sobre o que, o analista necessita para sua formação, cito Freud:

Porque o que ele necessita, em matéria de teoria, pode ser obtido na literatura especializada e, avançando ainda mais, nos encontros científicos das sociedades psicanalíticas, bem como no contato pessoal com os membros mais experimentados dessas sociedades. No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com a sua própria análise pessoal, pode consegui-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos (FREUD, 1918-1919)

Podemos, de forma clara e objetiva, compreender que, a formação do psicanalista se dá, a partir, de um tripé: análise pessoal, estudo da teoria e supervisão. A psicanálise foi instituída por Freud, que designou em vários momentos de sua obra, como se dá o

percurso de formação, daqueles que desejam praticar a psicanálise. Em relação, as dificuldades da medicina da época, em lidar com os fenômenos dos transtornos da vida psíquica, Freud, diz que a inclusão no curso de medicina, a psicologia experimental e a psicologia acadêmica, não se mostrou nada seguro:

Mas, na medida em que essas aulas se baseiam na psicologia acadêmica ou na psicologia experimental (que lida apenas com questões de detalhes), não conseguem satisfazer os requisitos da formação do estudante; nem poderiam aproximá-lo mais dos problemas da vida em geral ou da sua profissão. Por essas razões, o lugar ocupado por esse tipo de psicologia médica no currículo mostrou-se inseguro (FREUD, 1918-1919).

De fato, podemos observar que Freud, refere-se a inclusão da disciplina da psicologia disponível da época, para médicos que, precisavam compreender a vida mental dos futuros pacientes. Também, é válido observar na citação de Freud que, a psicologia acadêmica se difere da psicanálise, inclusive na forma de abordar os distúrbios da vida psíquica. Fica bem explícito que, a psicanálise é, uma disciplina autônoma e independente da formação médica e, até mesmo da psicologia, apesar da psicanálise ser uma disciplina dos cursos de psicologia, ela tem seu método e clínica própria. Para Freud, a formação acadêmica para o analista é, independente, pois, o que ele precisa é, de uma formação especializada para praticar a psicanálise (FREUD 1927, p. 292).

De acordo com Freud (1918-1919), a psicanálise nas universidades, ensina, então: a relação da vida mental e orgânica, os tipos de psicoterapias, incluindo as de sugestões e, seguindo então, apresentação do método da psicanálise. Nos cursos de psicologia, costuma-se apresentar de forma introdutória a psicanálise e, não só a psicanálise, mas outras abordagens, para então, os acadêmicos, possam escolher a corrente teórica que, irá embasar sua prática como psicólogo.

É necessariamente, importante que o acadêmico em psicologia que, venha se interessar pela psicanálise, se debruce na literatura psicanalítica, fazendo parte de grupos de estudos, instituições de formação livre ou sociedades de psicanálise, para de fato percorrer um estudo aprofundado da psicanálise.

Freud (1918-1919) escreve que, o médico, jamais aprenderia a prática da psicanálise no curso universitário, mas, com a psicanálise como disciplina, poderia, a partir dela, apreender e beneficiar-se de forma introdutória, cito Freud:

Devemos considerar, por último, a objeção de que, seguindo essa orientação, o estudante de medicina jamais aprenderia a psicanálise propriamente dita. Isso, de fato, é procedente, se temos em mente a verdadeira prática da psicanálise. Mas, para os objetivos que temos em vista, será suficiente que ele aprenda algo sobre psicanálise e que aprenda algo a partir da psicanálise (FREUD, 1918-1919).

Assim, como para Freud, a formação do analista em medicina era indispensável e proveitosa. O pensamento que discorremos neste tema, também é que, o analista ter uma formação acadêmica ou, estudar a psicanálise em um curso universitário é muito proveitoso, porém não suficiente para se tornar psicanalista. Porém, por um lado traz bastante benefícios, como também, sobrecarrega de informações que jamais, ele utilizara na prática analítica. Cito Freud:

A chamada formação médica parece-me um desvio trabalhoso para chegar à profissão analítica, ela certamente dá ao analista muita coisa que será indispensável, mas também o sobrecarrega de coisas que ele nunca irá usar, trazendo consigo o risco de que seu interesse e sua forma de pensar sejam desviados da percepção dos fenômenos psíquicos (FREUD, 1927, p 292).

Este, “nunca irá usar na prática analítica”, não é, por ser conhecimentos dispensáveis e, sim pelo fato como citamos acima, a psicanálise tem seu próprio método e sua própria clínica. Porém, sem sombras de dúvidas, podemos pensar que, a formação do psicólogo que se interessa pela psicanálise, pode se obter ricas informações para o campo do conhecimento, não necessariamente para atuação psicanalítica. Decidimos fazer essas observações para que, os leitores possam então compreender a diferença de campos que, podem se complementarem, mas jamais se confundir.

Na época as recomendações eram para os médicos, mas, podemos, hoje então enquadrar essas recomendações aos acadêmicos de psicologia que, se interessam pela psicanálise. Partindo desse pressuposto, podemos pensar que, a formação em psicologia por mais que seja fundamental, realmente é insuficiente para construir um percurso de uma formação do fazer do analista, necessitando de um estudo extra institucional.

### **Recomendações da análise pessoal do analista: Freud**

Um aspecto importante em Freud, é que o analista se submeta a uma análise pessoal, cito Freud: “*não basta ele ser uma pessoa razoavelmente normal; pode-se antes exigir que ele tenha se submetido a uma purificação psicanalítica*” (FREUD, 1912-2020, p. 99). Valido lembrar que, a purificação que, Freud, se refere, não tem sentido religioso e sim do analista acessar seu inconsciente através de sua própria análise pessoal.

Como podemos ver, de acordo com Freud (1912), escreve que o, psicanalista deve se servir de seu inconsciente como um instrumento na análise com o analisando. Ou seja, podemos perceber que, a psicanálise é, da ordem de uma experiência, experiência essa, eminentemente do inconsciente, sendo então imprescindível o analista em formação submeter-se a essa experiência, a partir de sua própria análise. De acordo com (Freud 1912), o indivíduo razoavelmente saudável que, deseja trabalhar com a psicanálise, pode muito se beneficiar com ela, adquirindo autoconhecimento, autocontrole e adquirindo possivelmente uma capacidade madura de se autoperceber ou autoanalisar. Freud no texto de 1910, "Perspectivas futuras da terapia psicanalítica", torna a repetir a importância da análise do analista:

Nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. Qualquer um que falhe em produzir resultados numa autoanálise desse tipo deve desistir, imediatamente, de qualquer ideia de tornar-se capaz de tratar pacientes pela análise (FREUD, 1910/1969a, p.130).

Na citação de Freud, acima, podemos constatar a importância e preparação de Freud e, relação a análise do psicanalista, ao ponto de afirmar que, qualquer um que não esteja disposto a se submeter a essa experiência, deveria abandonar a ideia de ser analista. Ainda no texto recomendações para os médicos sobre o exercício da psicanálise, Freud, elogia a atitude da escola de Zurique: "*Considero parte de muitos méritos da escola analítica de Zurique o fato de ter enfatizado essa condição, concretizando-a na exigência de que todo aquele que quiser executar uma análise dos outros deverá primeiro submeter-se a uma análise junto a um especialista*" (FREUD, 1912, p. 100). E ainda, acrescenta Freud: "*Quem levar a tarefa a sério deveria optar por esse caminho, que promete várias vantagens*" (FREUD, 1912, p 100). De acordo as recomendações de Freud, que o psicanalista que, desprezar a necessidade do cuidado com sua própria análise, sofreria sérios dissabores:

Mas aquele que, enquanto analista, tiver desprezado o cuidado da autoanálise não apenas será punido através da incapacidade de aprender em certa medida com seus pacientes, mas ele também correrá o risco mais sério, que poderá se tornar um risco para os outros (FREUD1912, p. 101).

Freud no texto de 1937, "Análise finita e infinita", relata que, o analista não está em uma posição de um indivíduo curado, ou melhor, que ele é um ser humano qualquer e pode ter seus complexos e jamais é exigido um grau de completude do analista. Freud,

indaga qual é, a habilitação ideal necessária para atuação do psicanalista, ele responde: *”na própria análise, com qual começa a preparação para a sua atividade futura”* (FREUD, 1937, p. 356). Freud, mas uma vez de forma explícita alerta a importância da análise pessoal do analista.

### **O estudo da teoria e sua relação com a análise do analista**

Como já vimos, segundo Freud, o analista precisa recorrer a um estudo teórico especializado da teoria psicanalítica que, está disponível na literatura freudiana, como base da formação. Porém, podemos perceber que, em uma outra recomendação de Freud, que o estudo de outros campos do saber é, necessário para o percurso de formação do analista, como: [...] *”O Conteúdo programático para o analista ainda precisa ser criado, ele precisa abarcar tanto o conteúdo das Ciências Humanas, o conteúdo psicológico. Histórico-cultural e sociológico quanto anatômico, biológico e histórico evolutivo”* (FREUD, 1927, p. 293). Nessa citação, podemos então perceber claramente que, o psicólogo em formação, tem vasto contato com esses campos de saberes no qual, Freud, recomendou ao futuro psicanalista. É válido lembrar que, na formação do psicólogo, a presença dos pressupostos freudianos é, constante no decorrer da formação do psicólogo. Porém, podemos também perceber que, não é suficiente para o percurso do analista, tendo, então a necessidade do interessado se debruçar na literatura da psicanálise, propriamente dita. Enfatizando a relevância da análise pessoal inclusive para compreensão da teoria, no escrito de 1926 *“A questão da análise leiga: conversa com uma pessoa imparcial”*, Freud, relata a pessoa imparcial que, sabia que, mesmo ele explicando os pressupostos psicanalíticos, ele não iria compreender, e que, isso aconteceria também, com os estudantes de psicanálise e, que de imediato recomenda-se que eles procurem análise, para, até mesmo entender os pressupostos da psicanálise:

Quando ministramos aulas teóricas de Psicanálise aos nossos alunos, podemos observar quão pouco os impressionamos num primeiro momento. Eles aceitam os preceitos analíticos com a mesma frieza que outras abstrações com que foram alimentados. Alguns talvez queiram ser convencidos, mas não há qualquer traço de que foram. Mas agora exigimos também que todo aquele que queira aplicar a análise em outras pessoas primeiro se submeta ele próprio a uma análise (FREUD, 1926, p. 223).

(Freud 1926), ainda continua descrevendo que, só no discurso de sua própria análise, quando experimentar na própria *“alma”* o efeito de causa pela sua própria análise, terá então, convicção e entendimento dos postulados da psicanálise e, que mais tarde os fará analistas. Segundo, Teresa Pinheiro, e citado por ela, Ferenczi, deu importância a

análise do psicanalista, desde o início do seu contato com psicanálise. Como podemos verificar, que Ferenczi, deixa explícito de que, só o estudo ou conhecimento da teoria não será suficiente para a prática psicanalítica:

Assim, o médico que só estudou psicanálise nos livros, sem se ter submetido pessoalmente a uma análise profunda nem adquirido a experiência prática junto dos seus pacientes, dificilmente poderá estar convencido da correção dos resultados da análise (PINHEIRO, 2016, P. 49).

A seguir, iremos explorar as orientações do psicanalista Sandor Ferenczi, sobre a importância da análise do psicanalista.

### **Recomendações da análise pessoal: Ferenczi**

Sandor Ferenczi, nascido em 7 de julho de 1873, na cidade de Miskolcz interior da Hungria. De acordo com Kupermann 2019, Ferenczi iniciou seus estudos em medicina, em 1890 na mesma faculdade em que, Freud, cursou medicina em Viena.

Ferenczi, teve sua primeira oportunidade de ler a obra freudiana, a *Interpretação dos Sonhos*, no qual foi convidado, a redigir uma nota sobre o texto, no qual se recusou após foliar, algumas páginas da obra, no qual achou que não valeria a pena. Desde o início, Ferenczi, se interessava, por estudos técnicos, métodos e sempre voltado as questões mentais. Foi quando, ficou sabendo que, em Zurique, tinha um método que permitia medir o funcionamento mental das pessoas. Cito Balint:

Alguns anos mais tarde, ouviu falar de um método elaborado em Zurique que permitia medir o funcionamento mental com a ajuda de cronômetro. Era algo suficiente preciso para seduzi-lo; comprou um cronômetro e, a partir desse instante, ninguém escapou ao seu zelo. Quem ficasse ao seu alcance nos cafés de Budapest, escritor, poeta, pintor, zelador dos banheiros, ou garçom, era irremediavelmente submetido à “prova de associação” (FERENCZI, 2011, p. IX).

Interessado pelas questões mentais, foi levado a ler as obras psicanalíticas disponível na época. Aos 34 anos, no ano de 1908, escreveu pela primeira vez a Freud, pedindo que ele, concedesse uma entrevista. Freud, ficou impressionado com sua capacidade e conhecimento dos materiais psicanalíticos, o convidou para o congresso de psicanálise, em Salzburgo, em abril de 1908. Em 1909, Ferenczi, vai ao Estados Unidos, junto com Freud, e segundo a Balint, foi o começo de uma grande amizade sem nuvens, durante muitos anos, que, assim, permaneceu até a Primeira Guerra Mundial (FERENCZI, 2011, p. IX).

Em uma amizade que, durou anos sem muitos conflitos, a partir de 1928, Ferenczi, começa a se distanciar da teoria freudiana, por perceber que, a técnica tradicional, não se aplicava a todos tipos de pacientes e que, por sua experiência clínica, percebia que, o analista deveria ser mais envolvido no tratamento, considerando, então, aquilo que era provocado no analista, ele o analisando

Ferenczi, sempre as voltas de testar a técnica psicanalítica para os “tipos” pacientes difíceis, ou seja, não neuróticos, faz grandes ampliações para a clínica e técnica psicanalítica. Seguindo então, ao tema que nos propomos esboçar no artigo que, são as recomendações de Ferenczi, a análise pessoal do analista.

De acordo com (VIEIRA e CRUXÊN 2016), Ferenczi, foi o primeiro psicanalista, até mesmo, antes de Freud, em se preocupar com questão do fim da análise e a relação com a formação do psicanalista.

Em 1919, Ferenczi escreve o artigo “*A técnica psicanalítica*” que, discorda de Freud, sobre a regra fundamental da psicanálise “associação livre”, ser a única via de ter acesso ao material que o analisando expunha. Ferenczi, vai alegar que, sendo associação livre das palavras o centro do tratamento, acaba excluindo outras manifestações do inconsciente do analisando, como o gesto e expressões livre do paciente. Propondo, então, a incorporação ao material associativo, os gestos do analisando, na qual, o analista deveria deixar o analisando livre para se expressar e, a partir daí, o analista trabalhar em conjunto com associação livre da fala, e construir um entendimento daquilo que, o analisando traz. Segundo a VIEIRA e CRUXÊN, para que o analista possa interpretar as resistências da transferência e o não verbal, era preciso que o analista, saísse da posição de neutralidade:

Entretanto, a fim de cumprir a tarefa de intérprete das resistências, da transferência e do não verbal, o psicanalista necessitaria renunciar à ilusão de neutralidade em sua escuta. Para ele, as intervenções do psicanalista não estão livres da ação de seu próprio inconsciente. Em 1919, Ferenczi perguntava-se: se o psicanalista não é infalível e suas interpretações podem comportar distorções forçadas por seu próprio inconsciente, qual seria a garantia do trabalho do psicanalista? (VIEIRA, M. K. M.; CRUXÊN. 2016, p. 97).

De acordo, com Vieira e Cruxên, para Ferenczi, a solução seria o psicanalista, deixar fluir as reações despertadas pelo analisando, fazendo então a contratransferência, não mais uma barreira, mas, sim um suporte, para o andamento do tratamento (2016, p. 97). Ou seja, para o psicanalista, usar-se do seu inconsciente e de seus próprios sentimentos provocados pelo analisando, saindo da posição de “neutralidade”, era preciso

que, o analista, assim como Freud, pontuado por Ferenczi que, o analista precisa experienciar a análise de seu próprio inconsciente e seus complexos.

Para especificar o que Ferenczi, propõe, cito Viera e Cruxen: “Segundo Ferenczi, o psicanalista abandonaria a posição passiva de objeto- -pivô do fluxo associativo do analisante e assumiria as rédeas do tratamento através de seu próprio ser” (2016, p. 97). Ferenczi, então, propondo que o analista considerasse seu próprio “ser” na análise com seu paciente, sendo um dos elementos para o andamento do tratamento. É notório que, o analista esteja preparado para experienciar uma análise, na qual, ele não é mais apenas, o não envolvido, mas, sim, aquele que está envolvido com seu inconsciente, falhas e resistências. Para isso cito Vieira e Cruxen que, seria preciso que o analista, deveria ser preparado para esse tipo de envolvimento:

De acordo com essa compreensão, o ser do psicanalista consistiria na principal garantia de efetivação de uma análise. É justamente nesse ponto que a análise pessoal para o psicanalista emerge para Ferenczi como uma questão crucial para a psicanálise. Afinal de contas, como operar a partir do próprio ser sem prepara -lo para isso? (VIEIRA, M. K. M.; CRUXÊN. 2016, p. 97).

Ferenczi, propõe que, além do analista submeta-se a análise dele próprio, era necessário de que ele, levasse até o fim essa análise, a fim de, no mais longo percurso de sua própria análise, possa então surgir um analista. Podemos perceber então, que, “ no final de uma análise se produziria um analista” que, Lacan, transcreveu em sua obra, parte exatamente da ideia de Ferenczi, de que o analista precisa levar sua análise até o fim, para depois, então, vir, a se propor, a praticar a psicanálise. No texto “Elasticidade da técnica” (1928-2011), Ferenczi diz que: “[...] a segunda regra fundamental da psicanálise, isto é, quem quer analisar os outros deve, em primeiro lugar, ser ele próprio analisado” (FERENCZI, 1928-2011) p. 31). Ainda no mesmo texto, Ferenczi, tornar a enfatizar, a importância e benefício do analista, ir a fundo na sua própria análise, beneficiando-se, na experiência em controlar suas fraquezas e aprender de forma experiencial, a técnica e manejo com seus analisandos.

Toda pessoa que foi analisada a fundo, que aprendeu a conhecer completamente e a controlar suas inevitáveis fraquezas e particularidades de caráter, chegará necessariamente nas mesmas constatações objetivas, no decorrer do exame e do tratamento do mesmo objeto de investigação psíquica e, por via de consequência, adotará as mesmas medidas táticas e técnicas. (Ferenczi, 1928/2011, p.31)

Podemos então, perceber que Ferenczi, coloca a análise pessoal do analista, como uma experiência necessariamente a ser vivida pelo o psicanalista em formação, além de

pré-requisito, qual Freud, já tinha posto, mas indo além, ao afirmar que é preciso que o analista vá aos extremos do fim de sua própria análise. Segundo Vieira e Cruxên:

Ferenczi pretende encontrar na análise pessoal do analista não apenas uma forma de garantia para o tratamento psicanalítico, mas também a padronização da prática da psicanálise para todo e qualquer analista. De certa forma, o autor almeja com a efetivação da “segunda regra fundamental da psicanálise” a ausência de qualquer traço de singularidade do analista em sua prática (VIEIRA, M. K. M.; CRUXÊN. 2016, p. 100).

Como podemos verificar que, Ferenczi, inaugura a importância de um analista implicado no tratamento de seus analisandos, tirando então, a ideia de que, o analista fosse, inatingível e neutro as transferências de seus analisandos. Destacando então, a contratransferência do analista. como um suporte ao tratamento, porém, sendo preciso o analista, ser experimentado na própria técnica que utilizar. A partir, de Ferenczi, podemos perceber que, ao ser psicanalista depende necessariamente de uma experiência e não uma formação propriamente dita.

Ferenczi, então, ao propor a técnica ativa, lança novas formas de trabalho do psicanalista, com novas exigências no seu trabalho e consecutivamente em sua formação, fazendo da análise do analista, recomendada por Freud, indo além, de um requisito para a formação, vindo a ser, decisivo para a formação como um campo experiência no livro de Teresa Pinheiro, ela cita Ferenczi: *“É preciso ter tido uma vivência afetiva, ter experimentado na própria carne, para atingir um grau de certeza que mereça o nome de “convicção”* (PINHEIRO, 2016, p. 46).

Veremos a seguir, que, partindo desta ideia de experiência, o psicanalista Jaques Lacan, irá proporcionar contribuições fundamentais para o tema de se tornar psicanalista.

### **A formação do analista como uma experiência do inconsciente: Jacques Lacan**

Jaques Marie Emile Lacan, psiquiatra e psicanalista francês, de acordo Cerqueira, Lacan, nasceu em 13 de abril de 1901. Foi filho mais velho de três irmãos. Se formou em medicina, e no ano de 1932, Lacan, iniciou sua análise com Rudolph Loewenstein, que durou seis anos. Lacan morre em 9 de setembro de 1981, vítima de uma afasia parcial (CERQUEIRA, FEBRAPSI).

Lacan, fez um retorno minucioso da obra de Freud e contribuiu muito para a teoria psicanalítica, um dos temas em que Lacan, se debruçou em sua obra, foi a questão da formação do psicanalista. Em discordância com o rumo em que, a análise didática do analista em formação, tinha tomado na Associação Internacional de Psicanálise (IPA),

Lacan, dedica vários momentos de sua obra, em retornar a Freud e ampliar o tema da formação do psicanalista. Apesar de Lacan não citar Balint, ele parte do artigo em que, Balint, apresenta em 1947, sobre análise didata como um sistema de formação do analista incompatível com a prática psicanalítica. Como podemos ver a seguir:

Lacan, por sua vez, em “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956” (1956/1998), se utiliza da abordagem de Balint para construir sua crítica ao sistema de formação de analistas da Associação Internacional de Psicanálise, o que lhe permite reintroduzir a questão sob os parâmetros de seu emergente ensino e, em momento posterior, propor um novo sistema de formação que levasse em consideração não apenas os impasses institucionais apontados por Balint, mas também, de forma nuclear, a questão do fim da análise e o que dela pode ser transmitido (DAYRELL, 2019, p. 96).

Lacan, movido pelo propósito de romper com a ideia de análise didata, como um “treinamento”, para se tornar um psicanalista, ele, foi além e, questionou a formação, tirando a formação do analista do campo de uma formação puramente institucional, para uma formação de um analista, implicado em sua própria análise e que no fim dela, surgiria então, um analista. Colocando no centro da formação o saber do seu próprio inconsciente e a ética de sua própria experiência do seu inconsciente. Lacan, lança no meio psicanalítico então, um estudo contundente, a respeito não só da análise pessoal como requisito, mas, a experiência da análise e o fim dela. O analisando tomado o conhecimento e a ética de seu próprio inconsciente, passaria de analisando para analista. No texto de 1967, sobre o psicanalista da escola, Lacan, enuncia então a frase bastante conhecida no meio psicanalítico, cito Lacan: “o psicanalista se autoriza si mesmo”, coloca a formação do psicanalista no campo de uma ética, ética essa do inconsciente. Ética em que o analisando, experimenta em sua própria análise e com seu próprio inconsciente. Segundo Dayrell, a análise pessoal do analista vai de encontro a uma experiência do seu inconsciente a condição de ele se colocar na posição de conduzir o outro, a essa mesma experiência:

A importância da análise pessoal se demonstra na declaração do sujeito de sua vivência da descoberta do inconsciente. Dessa experiência transformadora, geradora de uma familiaridade do analista com o seu próprio inconsciente, poderão surgir as condições da escuta analítica, desfazendo-se pontos cegos e conquistando um estilo próprio para conduzir os tratamentos (DAYRELL, 2019, p. 101).

De acordo Dayrell (2019), “autorizar” no dicionário no dicionário Aurélio é: dar, conceder e autorizar. Mas no termo dado por Lacan, é, “o termo francês autorizar [autoriser] empregado por Lacan tem na sua raiz a palavra “autor” [auteur], ou seja, o

agente que vai praticar a ação, “criador, instituidor, fundador”. Tratando se então de um ato, em que, o sujeito no fim de sua análise, se coloca nessa posição de analista de si próprio. Lacan então, instaura um lugar da análise pessoal como o principal caminho para um percurso de formação e fórmula que, o psicanalista se autoriza por si próprio e pelo outro, a partir, de uma experiência com seu próprio desejo, complexos e inconsciente.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa da revisão da literatura psicanalítica, sobre a formação do analista, nas principais obras de Freud, Ferenczi e Lacan, nos permitiu constatar a grande relevância que esses psicanalistas deram a análise pessoal do analista e a compreensão de que, a psicanálise não apenas um saber teórico/clínico, mas além disso, ela é uma experiência na qual perpassa ensino acadêmico. Constatamos a importante relevância da análise do analista, que, nos levou a entender que, a formação do analista, além de ser diferente de uma formação acadêmica, ela é um percurso no qual, o indivíduo que almeja trabalhar com a psicanálise, precisa-se lançar a um experiência na qual requer uma implicação dele como analisando, para depois no futuro, estar na posição de analista.

Podemos verificar que, o conhecimento acadêmico é muito relevante para o percurso da formação do psicanalista, mas, não é o fator decisivo para a formação do psicanalista, pois como vimos, o analista precisa se debruçar, precisamente nos conceitos metapsicológicos, técnicos e clínicos da psicanálise. Mas também podemos perceber que segundo a Freud, o psicanalista precisa ter conhecimento de outras áreas para a construção do seu percurso de formação e inclusive constatamos que, segundo as orientações do próprio Freud, são disciplinas de outros saberes que, compõe nos cursos de psicologia.

Podemos constatar, que, Ferenczi, indo além de Freud, instituiu a análise do analista como segunda regra fundamental da psicanálise. Passando de um requisito para se tornar psicanalista, Ferenczi, coloca a análise pessoal o meio no qual o analista precisa experimentar não só para o conhecimento técnico, as como um tratamento psíquico para o próprio analista em formação.

Em Lacan, o lugar da análise pessoal, foi instituída no campo de uma experiência do inconsciente, ou seja, o fazer psicanalítico, surge no fim da própria análise, na qual o analisando toma o conhecimento de si, conhecimento esse, do seu próprio inconsciente que, por via, é um saber não sabido e, é com esse saber que se produz um psicanalista. .

Por fim, conseguimos chegar em uma conclusão, que, ainda não a final, por entender que, muito ainda tem a ser explorado sobre a formação do psicanalista. Mas concluímos que, a psicanálise é de fato, segundo a Freud, uma experiência, que, não se depende de uma instituição universitária para acontecer uma formação, pois é a partir de sua análise que, o futuro analista, terá condições de no futuro se colocar à prática de analista. Concluímos que, a formação do analista, se dá em um percurso experiencial e que, o ofício de psicanalista, se dá, no processo de um “fim de análise. Se colocando então o analisando no lugar de analista de si próprio que então surge um desejo de estar na posição de analista de um outro.

## REFERÊNCIAS

- CERQUEIRA, Aurea Chagas. Resenha de bibliografia de Jaques Lacan. . Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI). Disponível em Jacques Lacan / Biografias / Publicações | FEBRAPSI - Federação Brasileira de Psicanálise. Acesso em: 24 fev. 2021.
- FERENCZI, S. (1992) A técnica psicanalítica. In Obras Completas Psicanálise. Volume II. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1919)
- FERENCZI, S. (2011a) O problema do fim de análise. In Obras Completas Psicanálise. Volume IV. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1927)
- FERENCZI, S. (1992) A técnica psicanalítica. In Obras Completas Psicanálise. Volume II. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1919)
- FERENCZI, S. Psicanálise 1 / Sandor Ferenczi; [tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e tradução Cláudia Berliner]. 2º ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Obras completas / Sandor Ferenczi; v. 1)
- FREUD, Sigmund. Análise finita e análise infinita, 1937. Fundamento da clínica psicanalítica/Sigmund Freud; tradução Claudia Dornbusch. 2. Ed; 3. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6).
- FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: conversa com uma pessoa imparcial, 1926. Fundamento da clínica psicanalítica/Sigmund Freud; tradução Claudia Dornbusch. 2. Ed; 3. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6).
- FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico, 1912. Fundamento da clínica psicanalítica/Sigmund Freud; tradução Claudia Dornbusch. 2. Ed; 3. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6).
- FREUD, Sigmund. Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade 1918-1919. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.17. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: \_\_\_\_\_. Outros escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Versão final de Angelina Harari e Marcus André Vieira. Preparação de Texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 248-264. (Campo Freudiano no Brasil).PAPALIA, Diane E. Desenvolvimento humano [recurso eletrônico] / Diane E. Papalia, Ruth Duskin Feldman, com Gabriela Martorell ; tradução : Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.] ; [revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva... et al.]. – 12. ed. p. 59 – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : AMGH, 2013.
- PINHEIRO, Teresa. (2016). Ferenczi. São Paulo: Casa do Psicólogo
- ROCHA, Ruth, 1931. Minidicionário/ Ruth Rocha; ilustrações Maria Luiza Ferguson – São Paulo; Scipione, 1996.

SKOWRONSKY, Silva Brandão. Resenha Sigmund Freud. Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI). Disponível em: Sigmund Freud / Biografias / Publicações | FEBRAPSI - Federação Brasileira de Psicanálise. Acesso em: 24 fev. 2021.

VIEIRA, M. K. M.; CRUXÊN, O. S. De Ferenczi a Balint: o desenvolvimento da questão da análise didática. *Revista de Psicologia*, v. 6, n. 2, p. 95-106, 29 mar. 2016.